

“Adelaide Cabete era uma pioneira”

Investigadora resgata para o século XXI vida de figura incontornável do feminismo

Num acaso, durante um estudo sobre mulheres na Imprensa, Isabel Lousada, investigadora do Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa, encontrou dados nunca antes revelados sobre a vida de Adelaide Cabete, uma das mais importantes feministas do século XX. Três anos depois, o resultado do trabalho sobre aquela médica-ginecologista, fundadora do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, encerrado em pleno Estado Novo, aí está: um livro que recebeu o nome da feminista, editado pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, e que repõe a memória daquela mulher pioneira.

Quais os motivos para a falta de visibilidade de Adelaide Cabete em comparação com outras feministas do seu tempo?

Essa pergunta foi a que coloquei a mim mesma. Ao considerar as mulheres notáveis protagonistas para a Primeira República, perguntava-me por que razão tantas tinham vindo à colação, ao longo dos tempos, e Adelaide Cabete, só pontualmente, era designada no 5 de Outubro. Achava que havia uma carga de ostracismo que pesava sobre ela e quis descobrir a causa dessa invisibilidade contemporânea.

E como a encontrou?

Ao pesquisar para um trabalho sobre o papel da mulher na Imprensa periódica, descobri, na Biblioteca Nacional, um texto particularmente significativo, assinado por Adelaide Cabete. Aliás, com o seu nome simbólico – Louis Michel.

Isso aconteceu há quanto tempo?

Há, sensivelmente, três anos. A partir daí, comecei a estudar o seu percurso e encontrei dados relativamente novos.

Após a leitura da vida daquela feminista, fica a sensação de que se remetia para um segundo plano...

Ela foi uma mulher que sempre enfrentou as lutas do seu tempo. Mas compreendo o que quer dizer com o ter-se remetido a uns certos bastidores...

Por que não teve a mesma projecção de outras feministas precursoras?

Provavelmente, porque não cabia numa tipologia que fosse muito estanque. Adelaide Cabete afirmava-se republicana, socialista, laica, numa altura muito adversa. E tinha mais condicionantes: foi pioneira na maçonaria, fundando, em 1923, o ramo ‘Direito Humano’ que contemplava homens e mulheres.

Era vista como ‘uma entre pares’?

Claro. Quase indissociável das lutas feministas do seu tempo.

No dia dos Namorados faça do seu amor uma notícia de primeira página.

Imortalize um momento, recorde uma data especial e ofereça uma prenda única à sua cara-metade. Em 24 horas e por apenas € 25, criamos uma reprodução personalizada da capa do dia que pretender. Para isso, basta enviar-nos uma notícia escrita por si e uma fotografia à sua escolha.

Poderá personalizar a sua capa nos jornais Diário de Notícias, Jornal de Notícias e O JOGO.**

***Por apenas € 25**

Primeiras páginas personalizadas



LOJA DO JORNAL

Jornal de Notícias PRODUTOS CLASSIFICADOS
Diário de Notícias ASSINATURAS
O JOGO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ocasional

Para mais informações:
arquivo@lojadojornal.pt
222 096 182 - 213 187 560

Também disponível em
www.lojadojornal.pt

Mas enceta uma luta feminista paralela?

Não é uma luta paralela. O que acontece é que, ao sair da Liga Republicana de Mulheres Portuguesas, funda o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, o de maior duração na História do nosso país. Escolhe mulheres fundamentais da luta feminista. Portanto, ela inclui-as e coloca-as na ribalta. Aí reside o seu relativo apagamento, porque sempre pretendeu dar voz a todas que assumiam aquela luta.

Esta mulher foi pródiga em recomeços...

Completamente. A ideia que me persegue com mais frequência é a de uma jovem que, perante a adversidade de não ter nascido em berço de ouro, soube fazer de todas as vicissitudes momentos para engrandecer o carácter e fortalecer-se. Nunca olhou com resignação quando arrancava para mais um recomeço.

Os pais eram pobres, no Alentejo profundo da segunda metade do século XIX...

Muito humildes.

Como recordava esse passado?

As biógrafas, principalmente a Elina Guimarães, que - para mim - continua a ser uma das mais expressivas mulheres a falar de Adelaide Cabete, mostram-nos que os contratempores eram para ela as suas armas. Aceitou casar muito jovem e, a partir daí, fazer toda a sua formação. Diz-se, inclusive, que o facto de ter por marido Manuel Fernandes Cabete, homem extraordinário para a época, fez deles um dos pares mais emblemáticos da República. Contam que, era ele, muitas vezes, que ajudava nas tarefas que tinham a ver com, aquilo que chamamos, a conciliação profissional e familiar.

Como conheceu o marido?

Ele era militar e, quando estava no quartel em Elvas, ouvia-a cantar. O biógrafo Joaquim Duarte lembra que o episódio ocorreu no apanhar das ameias. Uma versão mais romanceada revelava que garantia que, desde pequenina, nunca foi bonita. Só mesmo a voz.

Apenas aos 23 anos fez o exame do Ensino Primário. Estudou porque sempre quis ou impulsionada pelo marido?

Sempre quis aprender. Portanto, há uma relação de causalidade, entre cumplicidade e compreensão. Aproveitou a oportunidade proporcionada pelo seu marido, um livre pensador, mesmo quando já estão em Lisboa, onde, pelo que pude apurar, no Liceu Passos Manuel, se tornou aluna entre 119 pares masculinos.

Consta que, algumas feministas, a olhariam de lado, como Virginia Quaresma, que além de feminista era lésbica, pela postura que tinha em relação à homossexualidade...

Ela defendia muito as feministas das opiniões muitas cáusticas de então, como a associação à 'mulher-homem', à 'mulher de bigode' ou a uma certa masculinização. Contudo, sabemos da sua base eugenista e dos princípios científicos que advogava no princípio do século. É certo que esse não seria o caminho mais certo. Mas não por uma questão social, antes pelo conhecimento científico, que declarava e associava a homossexualidade a uma doença. Ela trabalhou com Miguel Bombarda ou Egas Moniz...

Era conservadora quando defendia deter-



Precursora
“Adelaide Cabete afirmava-se republicana, socialista, laica, numa altura muito adversa”

Aguerrida
“Soube fazer de todas as vicissitudes momentos para engrandecer o carácter e fortalecer-se”

Convicta
“Era alguém próximo dos ideais anarquistas, que achavam luxo a importação de moda”

minada indumentária feminina, como as saias a uma certa altura?

Devemos olhar para estes períodos sem grandes anacronismos e tentar perceber o arrojo desta mulher, à luz dos princípios científicos, ao referir que a saia não deveria ser usada de rojo, porque as partículas que eram levantadas pelo movimento provocavam infecções ginecológicas.

Mesmo quando se mostrava contra a importação de moda estrangeira, que libertava a mulher de uma roupa castigadora?

Adelaide Cabete era alguém muito próxima dos ideais anarquistas, que achavam luxo a importação de moda.

Quando participava nas conferências internacionais, que Portugal apresentava?

Um Portugal com base em dados muito concretos. E isso é muito interessante, até porque, por menos, Louise Ey tinha sido condenada, ao expor o analfabetismo feminino, no congresso de Berlim, com Carolina Michaelis a defendê-la. Os dados dela eram sobre puericultura. Alguns médicos viam nas suas palavras como estando o nosso país bastante à frente na forma de ver a puericultura.

O consultório nos Restauradores, em Lisboa, era bastante frequentado, mas não eram só pacientes...

Dizia-se que deveria ser muito animado. O consultório era sede das mais diversas associações. Desde a Liga dos Defensores dos Animais a muitas organizações ligadas a feministas.

Como foi a vida de Adelaide Cabete após a morte do marido?

Pouco se sabe. Separava, com grande afincamento, a sua intimidade da vida pública. Nunca foi mãe. Sabemos que a morte do marido a abalou profundamente e também a da mãe. Descobrimos que, nessa altura, se afasta um pouco, devido a uma pleuri-

sia, talvez depressão. Ajudou a sua irmã, Maria Brazão, dentista, e um sobrinho, o advogado Arnaldo Brazão. Não gostava da sua aparência e tornou-se depois uma figura grotesca, pela obesidade.

Quando rumou a Luanda, em 1929, que mulher encontramos?

Adelaide Cabete era uma pioneira. Uma mulher que, graças ao trabalho feito, é talvez a primeira antropóloga portuguesa. Da forma como olha para os indígenas, para uma outra população, para as condições de higiene.

E imaginemos o que seria a realidade das mulheres angolanas...

Ela critica o facto das condições dos presos serem completamente diferentes das que são dadas às presas, que enfezam, definham e morrem. E avança com propostas que gostaria de ver concretizadas, dirigindo-se ao governador.

Isso não lhe cria inimigos?

Parece que sim. Até porque, sofre um atentado. É ferida por uma arma de fogo.

Quem a atingiu?

Não está definido. Se calhar, meteu-se demasiado com a política. Apenas é referido que um indivíduo disparou um tiro fortuito.

Quando regressa a Lisboa, em 1934, quem é Adelaide Cabete?

Uma mulher adoentada porque, segundo Elina Guimarães, nunca chega a restabelecer-se do ferimento. Sabe-se a razão da sua morte: o registo do seu óbito aponta uma miocardite crónica.

Está apaixonada por esta personagem?

Por ela, não. Estou a apaixonada pela vida desta pioneira, rodeada por toda uma aura de mistério. Pode colocar isso?

Posso.

—
NUNO MIGUEL ROPIO
sociedad@jn.pt

FOTO: ANAVALY VELOSO/AGENCIAS